

Resumo do livro “Como funciona o fascismo: A política do “nós” e “eles””, do autor Jason Stanley¹

Igor Pereira dos Santos²
Águida Cristina Santos Almeida³

Introdução

Como funciona o fascismo: A política do “nós” e “eles” é uma obra escrita por Jason Stanley que estuda as principais características da ideologia fascista. O livro irá retratar a maneira pela qual os governos fascistas adentram a sociedade, almejando o topo. Dividido em dez capítulos, em cada um deles o autor abordará uma das estratégias usadas pelo fascismo, trazendo inúmeros exemplos que nos permite uma melhor compreensão. Em meio ao avanço do extremismo ao redor do mundo, tal obra é de fundamental importância para entendermos com o quê estamos lidando, bem como compreender os vieses dessa política autoritária e assim termos ciência de como funciona o fascismo.

Jason Stanley, autor da obra, é atualmente professor de Filosofia na Universidade de Yale. Estudou filosofia da linguagem e filosofia e linguística na Universidade Estadual de Nova York, posteriormente recebendo o Ph.D. pelo Departamento de Linguística e Filosofia do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT). Além disso, Jason também ocupou um cargo de palestrante em Oxford, retornando para lecionar em Nova York e Michigan, até aceitar o cargo na Universidade de Yale. Escreve para jornais, como o The New York Times e o The Washington Post, escrevendo também outros livros, além da obra a ser resenhada, inclusive ganhou o prêmio American Philosophical Association Book Award com seu livro Knowledge and Practical Interests.

Do resumo

O primeiro capítulo do livro, “O Passado Mítico”, aborda a tática usada pelo fascismo de exaltar o passado glorioso da nação, que, no entanto, não passa de uma fantasia, uma forma de manipular as emoções da população por meio da nostalgia e sentimentalismo. Através disso, busca-se pôr em prática os princípios centrais da ideologia fascista: autoritarismo,

¹Resumo escrito entre abril e junho de 2024, no âmbito das atividades do PET-Economia da UFCG.

²Graduando em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), integrante do Programa de Educação Tutorial (PET - Economia) e do GAACE-Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica. E-mail: igorpereira123ml@gmail.com.

³Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG, tutora do PET-Economia, coordenadora do GAACE. No presente resumo atuou como revisora. E-mail: aguidasantosalmeida@gmail.com.

hierarquia, pureza e luta. Ao longo do capítulo o autor discorre sobre como cada uma dessas questões é abordada, exemplificando para ajudar na compreensão. Discute a importância da família patriarcal e os papéis de gêneros na política fascista, apoiados naquele mítico passado glorioso que o fascismo promete trazer de volta.

O passado mítico, ainda, é usado como justificativa para defesa de políticas contra homossexuais, imigrantes e mulheres, por exemplo, como bem esclarecido ao longo do capítulo. E vai além disso, sendo usado também como argumento para limpeza étnica, relativização do passado da Alemanha nazista, branqueamento racial, dentre outras políticas extremas. O autor fala também sobre o proposital apagamento de memórias dolorosas da nação por políticos fascistas, de modo que o passado glorioso seja de fato glorioso, puro. Fica evidente, ao longo do capítulo, o apelo do fascismo ao sentimentalismo e seu uso para manipular o povo.

No segundo capítulo, “Propaganda”, o autor fala justamente do papel da propaganda na política fascista, que seria o de mascarar as reais intenções de políticos e movimentos políticos. A propaganda busca suavizar políticas extremas que seriam mal vistas na sociedade, como a guerra ao crime, do presidente estadunidense Richard Nixon, que na verdade é apenas uma pauta política racista, bem exemplificado por Jason nesse capítulo. Stanley destaca o papel da propaganda política para mascarar a corrupção sob o disfarce da anticorrupção, bem como o ataque ao Estado de direito, ou seja, intenção não democrática vestida como uma retórica democrática.

De forma muito bem articulada, a propaganda fascista permite até mesmo a defesa da escravidão e que um governo ditatorial seja visto como uma democracia, aproveitando-se da liberdade de expressão. No entanto, a liberdade de expressão parece ter limite quando não usada pelo grupo dominante, por exemplo, quando Jeff Sessions (senador acusado de ultradireitismo e procurador-geral dos EUA) tentou incriminar uma cidadã americana por rir. Jason discorre sobre isso no segundo capítulo, argumentando como os políticos fascistas se contrapõem, pois apelam à liberdade de expressão em seus discursos, ao mesmo tempo em que querem incriminar uma pessoa simplesmente por rir. Jason destaca também como no fascismo o irracional sobrepõe o racional, a emoção fanática impera sobre o intelecto, substancialmente graças à propaganda que permite a manipulação das emoções em prol de atingir seus objetivos. É imprescindível conhecer essa tática, e assim termos noção dessa forma de manipulação tão presente mesmo nos dias de hoje.

No terceiro capítulo, “Anti-intelectualismo”, Stanley irá discutir sobre a estratégia fascista de atacar e desvalorizar a educação. Não só isso, a tática do anti-intelectualismo busca

que as escolas influenciem os alunos a acreditar no passado mítico da nação, transformando essa educação enviesada como um pilar do fascismo. No decorrer do capítulo o autor apresenta as práticas fascistas usadas para deslegitimar o conhecimento, tais como atacar explicitamente universidades, sob o véu da liberdade de expressão. O capítulo mostra os principais alvos da política fascista, que busca atacar qualquer disciplina na qual as perspectivas se diferem da perspectiva dominante. Entre os alvos, temos, por exemplo, o estudo de gênero ou o estudo da cultura afrodescendente.

Nesse capítulo também é abordado como as universidades são usadas como armas ideológicas quando sob controle do fascismo. Como exemplo, a Rússia de Vladimir Putin e seu programa universitário antifeminista e antigay. O fascismo opera menosprezando a ciência, o conhecimento, de modo que o discurso busca influenciar a vontade, desprezando o intelecto. O autor trata dessa questão nesse terceiro capítulo, apontando como a política fascista apela à luta ideológica, tirando espaço das informações e assim deturpando a realidade. Tal tática é facilmente observada no nosso cotidiano, a exemplo quando tentam desprezar as universidades públicas apenas mediante ataques de ódios e sem embasamento algum.

No próximo capítulo, “Irrealidade” é discutido como o fascismo almeja distorcer a realidade, criando um cenário de medo e raiva, no qual as informações verdadeiras perdem valor. A partir de disso, Jason explica o papel das teorias conspiratórias para atingir os adversários políticos, bem como fundamentar parcialidade da grande mídia. Além disso, serve para fornecer explicações simples para parte da população, facilmente absorvidas devido às emoções irracionais, como medo e ressentimento. Dessa maneira, as pessoas ficam sem ter no que se apoiar para conseguir informações verdadeiras, fato usado pelo fascismo para dividir cada vez mais a sociedade.

Nesse quarto capítulo ainda é discutido as ilusões causadas pela desigualdade, na qual os indivíduos que usufruem de privilégios são incapazes de perceber isso, acreditando serem merecedores, por seus esforços ou sorte do destino. Tal irrealidade acaba até mesmo fazendo que cidadãos que não se beneficiam desses privilégios os defendam, quesito bem explorado pelo fascismo para dividir a sociedade, como o autor mostra. Ao longo do capítulo percebemos a tática de criar uma realidade paralela usada pelo fascismo, seja para defender suas políticas fascistas, seja para dividir a sociedade. Perceber isso é essencial para sabermos lidar com a situação, evitando uma luta sem sentido com aqueles que apenas estão sendo manipulados.

O capítulo cinco, “Hierarquia”, traz a visão da sociedade organizada hierarquicamente

com base nas leis da natureza, de acordo com a política fascista. Abordando essa questão, Jason discorre sobre o uso da hierarquia para defesa da desigualdade como algo natural, assim como para justificar a superioridade de uma raça perante outra. Tal fato é usado pelo fascismo para justificar as políticas mais absurdas, usadas inclusive pela Alemanha nazista, como é mostrado nesse capítulo. O autor também aponta a divisão que se faz dos cidadãos de acordo com a hierarquia racial, inferiorizando partes da população de forma implícita.

No decorrer do capítulo Stanley explica outras formas nas quais a hierarquia é usada pela política fascista, citando a vitimização e o ressentimento por parte daqueles que perdem o status hierárquico. Para exemplificar, o autor cita os impérios em queda, pois, ao perderem a glória que um dia tiveram, a população como um todo compartilha do sentimento de perda, tornando-se mais suscetíveis à manipulação. Trazendo como exemplo moderno os Estados Unidos, o autor deixa claro como a ideologia fascista se aproveitará disso. O capítulo é crucial para compreender o porquê de a hierarquia ser tão importante na ideologia fascista, sobretudo por rivalizar a sociedade em vários níveis, como raça, riqueza e gênero.

O sexto capítulo, “Vitimização”, começa abordando como os grupos dominantes sentem-se ameaçados quando grupos minoritários passam a usufruir de benefícios, tendendo a apoiar políticas de direita e mais conservadoras. Na sequência, o autor discute o nacionalismo que surge em resposta à opressão de grupos minoritários. Tal nacionalismo difere-se do nacionalismo de origem fascista, e para ilustrar bem essa diferença o autor traz alguns exemplos. Ademais, Jason aborda nesse capítulo como a propaganda fascista manipula os sentimentos de perda de status dominante, transformando em vitimização, que serve para justificar as formas de opressão ao longo do tempo.

Dando continuidade, Stanley explora a diferença entre movimentos nacionalistas movidos pela igualdade e movimentos nacionalistas movidos pela dominação. A título de exemplificação de um movimento nacionalista movido pela igualdade, o autor traz o movimento Black Lives Matter, que apenas busca salientar que as vidas negras também importam, ou seja, busca a igualdade. Enquanto, para exemplificar o movimento nacionalista em prol da dominação, pode citar-se o movimento da direita israelense que busca impor seu domínio sobre terras e vidas palestinas. Ele aponta como políticos demagógicos podem usar a história de opressão de uma nação para promover sua própria hegemonia. Ademais, Jason apresenta como o fascismo utiliza a vitimização, de modo a criar um “nós” e um “eles”, que deve ser enfrentado. A partir da leitura desse capítulo, entendemos como os sentimentos de vitimização podem ser perigosos quando manipulados por políticos fascistas, servindo para oprimir outros povos.

O sétimo capítulo, “Lei e Ordem”, trata sobre a tática usada pelo fascismo de usar o lema da lei e da ordem para dividir os cidadãos: o “nós”, seguidores da lei, e o “eles”, inerentemente sem lei. Tal tática é posta em prática para criar uma identidade natural e, a partir disso, fomentar o medo por violação da lei e da ordem por parte do “eles”. Na sequência, o capítulo aborda as questões de perturbação da lei e da ordem, que recebem tratamento enviesado de acordo com quem o pratica: uns cometem erros, outros são criminosos; uns protestam, outros causam tumultos. A distorção causada pelo emprego de termos para caracterizar um grupo como um todo leva a resultados irracionais, como o encarceramento em massa nos Estados Unidos da população afro-americana, exemplo bem discutido nesse capítulo.

Na continuidade, Jason explora a diferença de tratamento dada a distintos grupos com problemas semelhantes, citando a crise dos opiáceos que não é vista como violação da lei e ordem. Tal crise tem como principais afetados homens brancos. Por outro lado, não se vê a mesma empatia para lidar com problemas de dependência quando os envolvidos são afroamericanos. O autor discute no capítulo como a propaganda fascista faz uso da lei e ordem para manipular a opinião pública, enfatizar a divisão da sociedade e aumentar a rivalidade entre grupos.

No oitavo capítulo, “Ansiedade Sexual”⁴, Stanley discorre acerca da problemática sexual imposta pela política fascista para gerar pânico na sociedade, sobretudo pela ameaça à família patriarcal. O autor discute como a ansiedade sexual é usada pelo fascismo para pôr em prática suas políticas, sob o pretexto de defender “suas mulheres”. Políticas muita das vezes racistas, como ocorreu nos Estados Unidos, que imputava ao homem negro o papel de abusador, mediante tentativa de justificar às violências praticadas contra estes. Jason traz mais exemplos para ilustrar a questão sexual como motivadora de perseguição, violência, massacres. Por exemplo, a limpeza étnica em Mianmar, uma bárbara e repugnante campanha para acabar com o povo rohingya.

A ansiedade sexual, sob a justificativa de proteger a família, é usada para perseguição de todos aqueles que não fazem parte do grupo dominante, como negros, imigrantes, refugiados e qualquer outro grupo que ameace a ideologia fascista. Além disso, o autor vai apontar como a ansiedade econômica⁵ é apresentada de forma distorcida pela política fascista. Assim, juntamente com a ansiedade sexual, é usada para justificar medidas de proteção à

⁴ Do ponto de vista fascista, ameaça à família tradicional e à masculinidade patriarcal, bem como ameaça potencial de agressão sexual.

⁵ Preocupações acerca de fatores econômicos e financeiros, além da questão da igualdade de gênero, cujo do ponto de vista fascista, é uma ameaça à constituição tradicional da família.

família patriarcal. Nesse ponto, minorias sexuais, tal como homossexuais e transgêneros, são alvos de perseguição. A ansiedade sexual é amplamente abordada pela política fascista, pois coloca a masculinidade no centro da discussão. O homem é responsável pela proteção de sua família, então deve protegê-la de tudo e todos que a ameacem. É importante entender esse ponto para ter conhecimento do motivo das questões sexuais serem tão abordadas no fascismo.

O nono capítulo, “Sodoma e Gomorra”, discute acerca da perversão do povo, que ameaça os valores tradicionais, sendo, dessa forma, um instrumento de ameaça empregada pelo fascismo. As cidades são vistas como antros de perdição, enquanto no campo reside os verdadeiros valores da nação. O autor aborda a tendência do meio rural de possuir pensamentos mais conservadores e o que motiva isso, fato que justifica o maior apoio do campo aos políticos de extrema direita. Além disso, Jason fala sobre como a política fascista tende a manipular o conflito rural-urbano, até mesmo por meio de discursos falaciosos, tal como aqueles que dizem que os trabalhadores rurais sustentam os moradores urbanos preguiçosos. Isso ocorre para reforçar os valores tradicionais que já existem nessas regiões, e assim ganhar maior apoio político.

Ademais, Stanley explora os fatos que fazem as cidades serem vistas como inimigos da política fascista, em decorrência de sua maior pluralidade étnica e religiosa, bem como maior tolerância para com os diferentes. O autor discute também algumas das motivações que tornam o Estado inimigo do fascismo, tais como a dependência das pessoas para com o Estado, tornando-se, assim, parasitas deste, não possuindo nada a agregar à sociedade. Por isso a necessidade, de acordo com a ideologia fascista, de substituir o Estado pela nação, pois a nação é constituída de indivíduos autossuficientes. O fascismo defende uma visão de autossuficiência, condenando às cidades justamente pela sua falta e por depender do Estado. O capítulo é essencial para compreender o maior apoio de políticos de extrema direita ao em detrimento da cidade.

O décimo capítulo, “Arbeit Macht Frei”, aborda a questão do trabalho duro como de suma importância na sociedade, inclusive como cura da preguiça e roubo do “eles”. Arbeit

Macht Frei era o slogan presente nos portões de Auschwitz e Buchenwald, cuja tradução seria “O trabalho liberta”. Ao longo do capítulo o autor fala sobre a oposição de americanos brancos às políticas de bem-estar, demasiadamente influenciada por ignorância e racismo. O fascismo usa a ideia de trabalho duro como arma contra minorias, como os negros e imigrantes. A estratégia é usar novamente o “nós” e “eles”, trabalhadores e aproveitadores, estimulando, dessa forma, o ódio. Jason aponta políticas que reforçam esse estereótipo, tais

como o encarceramento em massa nos Estados Unidos.

Na sequência, Stanley explora a aversão da política fascista aos sindicatos. Por trás dos motivos superficiais, o autor aponta a atomização da sociedade, ou seja, a perda de laços entre os indivíduos como verdadeiro motivo da oposição aos sindicatos. Bem como, o fascismo funciona melhor quanto maior for a desigualdade, então as políticas sindicais seriam um entrave para isso. Ademais, Jason fala sobre como o apelo do fascismo ao trabalho duro, alta produtividade e afins põe em risco diversas minorias. Para exemplificar, ele cita o tratamento dado aos deficientes como “lebensunwertes Leben – vida indigna de vida, na ideologia nazista, sofrendo as mais perversas atitudes. Através do exposto no capítulo, é possível compreender como o fascismo opera de múltiplas maneiras para dividir os povos, aumentando o ódio entre grupos sob a justificativa de uns usurpando outros.

Mediante o exposto, pode-se inferir que *Como funciona o fascismo: A política do “nós” e “eles”* é uma obra essencial para ser lida por todos. Dividindo-o em dez capítulos, Jason Stanley nos traz um material bem detalhado para explicar algumas das táticas usadas pela política fascista. Em todos os capítulos os tópicos são bem apresentados, com inúmeros exemplos para ajudar na compreensão. Além disso, os capítulos são conectados entre si, de modo que a conclusão de um já traz a introdução de outro. Em meio a ascensão da extrema direita ao redor do mundo, a obra aqui resenhada é um importante instrumento para entendermos o porquê de tal fato estar ocorrendo, bem como nos mantermos cientes das estratégias usadas. Recomenda-se o livro, principalmente, para todos aqueles que buscam conhecer um pouco mais do fascismo, assim como para aqueles que queiram estar um pouco mais por dentro da política nacional e mundial contemporâneas.

Stanley, Jason. **Como funciona o fascismo: A política do “nós” e “eles”**. 1 ed. Porto Alegre, L&PM, 2018. 208p.